

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**LITERATURA E EDUCAÇÃO SEXUAL: UM PLANO DE AÇÃO COM  
JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

**Andréa Luiza Pereira Silva**

Belo Horizonte  
2015

**Andréa Luiza Pereira Silva**

**LITERATURA E EDUCAÇÃO SEXUAL: UM PLANO DE AÇÃO COM  
JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título em Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero, pelo Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte  
2015

Andréa Luiza Pereira Silva

**LITERATURA E EDUCAÇÃO SEXUAL: UM PLANO DE AÇÃO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título em Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero, pelo Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do convidado – Instituição a que pertence

## RESUMO

A proposta do plano de ação consiste em trabalhar a educação sexual com jovens do 3º ano do Ensino Médio dando ênfase às diversas formas de relacionamentos entre as pessoas, concepções sobre a diversidade sexual, seus preconceitos e representações sobre as homossexualidades.

O foco primordial é contribuir para enfrentar distintas formas de discriminação ligadas a situações de homofobia por meio do esclarecimento e confronto de ideias prévias sobre gênero e sexualidade.

É no ambiente escolar que vamos encontrar a oportunidade propícia para exaltar as diferenças e superar preconceitos, posto que educadores e gestores das escolas precisam reconhecer que falar sobre a sexualidade é extremamente importante para a formação holística dos jovens. Essa temática urge sair do silenciamento para que aprendamos a ter ações humanizadas por meio de situações que promovam o reconhecimento e respeito às diferenças.

Prova disso foi o sucesso do projeto de intervenção na E.M Luiz Gatti, os jovens que participaram das aulas e oficinas cooperaram além das expectativas em todas as situações propostas no plano de ação, e, ao final, lamentaram o fim das atividades.

Almejamos que essa intervenção se constitua num norte orientador das ações a serem desenvolvidas na prática diária dos professores. Nesta proposta, o aluno é o ponto central do processo, portanto, suas condições, necessidades, individualidades e interesses irão determinar o tipo e a forma da organização das situações pedagógicas a serem desenvolvidas em aula.

**Palavras-chave:** Diversidade sexual, homofobia, preconceito

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	10
<b>2.1 Reflexão e memória da prática pedagógica</b> .....	14
<b>2.2 O plano de ação</b> .....	16
<b>3. PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	17
<b>4. JUSTIFICATIVA</b> .....	19
<b>5. OBJETO</b> .....	21
<b>6. OBJETIVOS</b> .....	22
<b>6.1 Objetivo geral</b> .....	22
<b>6.2 Objetivos específicos</b> .....	22
<b>7. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	23
<b>8. METODOLOGIA</b> .....	28
<b>8.1 Metodologia de ação</b> .....	29
<b>8.2 Cronograma</b> .....	32
<b>8.3 Ações</b> .....	35

<b>9. CONCLUSÃO: INDICADORES DE AVALIAÇÃO DAS AÇÕES.....</b>	<b>42</b>
<b>10. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>11. ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

# LITERATURA E EDUCAÇÃO SEXUAL: UM PLANO DE AÇÃO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO

## 1. INTRODUÇÃO

Este projeto de intervenção busca travar um diálogo entre os jovens do 3º ano do Ensino Médio e a Educação sexual, compreendendo a sexualidade como um processo básico da vida humana. E, portanto, passível de ser trabalhada nos currículos escolares ao se permitir aos alunos um diálogo franco sobre temáticas relacionadas à sexualidade.

Nosso objetivo é propor aos jovens um conteúdo dinâmico para a execução das aulas, intercalando as oficinas sobre educação sexual com o uso de livros paradidáticos e de literatura em que se discutam as relações de gênero e a diversidade sexual.

Esse material literário surgiu a partir de uma busca realizada no acervo na biblioteca que permitia verificar o número de títulos que tratavam das relações de gênero e da diversidade sexual. E seu uso alternado as atividades que enfoquem oficinas que enfoquem a equidade de gênero e a diversidade sexual com a alunos e alunas do Ensino Médio, permitiu que ao final, propuséssemos a elaboração e exposição de painéis confeccionados pelos alunos e alunas que explanassem não só os conteúdos ministrados, mas, como também, o teor das discussões realizadas como um recado contra as atitudes de preconceito e discriminação.

A parte inicial deste projeto contextualiza o perfil da Escola Luiz Gatti, local onde as atividades foram desenvolvidas, com informações acerca da sua “ação pedagógica”, seguida de argumentos que sustentam a necessidade em desenvolver esse projeto que se inclui nas recomendações dos parâmetros curriculares nacionais – PCN, na categoria de temas transversais, para tratar da Orientação Sexual.

No início da idealização deste projeto, foi realizada uma pesquisa entre os professores para saber se haveria em vigor planejamentos de aula voltados a orientação sexual, já que o PCN estimula incluir no currículo escolar a “problematização e debate das diversas temáticas atuais da sexualidade” (BRASIL, 1998, p.287).

Após a análise, foram encontradas em pauta no currículo apenas temáticas vinculadas ao campo biológico ou a higiene e saúde, não distanciando muito da realidade de outras escolas na medida em que

Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade. (BRASIL, 1998, P.292)

O recorte dentro da orientação sexual para a efetivação do projeto foi afunilado para tratar da diversidade sexual com foco na homofobia, com o intuito de informar para conscientizar no sentido de contribuir para superar atitudes preconceituosas e discriminatórias, sempre considerando ser a sexualidade parte fundante do contexto sociocultural em que estamos inseridos.

A metodologia do projeto de intervenção utilizou-se de uma didática reflexiva e dialógica, para tratar de informações esclarecedoras frente a temas complexos e polêmicos, considerados tabus, para tal, criamos um ambiente que possibilitasse aos alunos e alunas construir seus próprios conceitos, alheios de preceitos preconceituosos arraigados em nossa sociedade altamente discriminatória. O foco principal foi comunicar aos alunos que todos têm o direito de “respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano” (BRASIL, 1998, p. 311).

Assim sendo, o plano de ação foi voltado para trabalhar a sexualidade como algo natural na vida das pessoas, problematizando as formas violentas de manifestação discriminatória e preconceituosa originadas pela intolerância à diversidade sexual, sobretudo a homofobia.

Na segunda parte deste projeto apresentamos a sustentação teórica que justifica a necessidade em trabalhar a orientação sexual nas escolas, recorrendo a trabalhos de renomados estudiosos do campo acadêmico e científico, seguido do detalhamento de cada processo da ação do projeto de intervenção discutido em aulas e oficinas, com o cuidado de explicitar indicadores de avaliação sobre o que foi planejado e o que foi executado e a avaliação geral do projeto pelos alunos e alunas.



Ao final, tecemos a conclusão sobre a criação e repercussão positiva do projeto. O envolvimento dos alunos e alunas para desenvolver as oficinas e debates propostos, sempre dispostos a colaborar, pesquisar e dividir opiniões, não permite restar dúvidas quanto à relevância desse projeto de intenção no contexto escolar.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A escola em que desenvolvi a Análise Crítica da Prática Pedagógica é a Escola Municipal Luiz Gatti (EMLG), situada na Rua O Garimpeiro, 45, Conjunto Jardim Maldonado, pertencente à regional Barreiro.

A escola foi criada em 1982, hoje tem cerca de 1270 alunos e alunas matriculados no 1º ano do 1º ciclo, no 2º e 3º ciclos, floração e 3º ano do Ensino Médio. Há 84 professores e cerca de 48 funcionários.

Em princípio, a intervenção proposta pela ACCP seria realizada na biblioteca da EMLG, inaugurada em 1986 como “Biblioteca Giramundo”. Trata-se de biblioteca pólo, isso significa que a utilização de seu espaço é não só restrita a alunos e alunas, funcionários e professores da escola, mas estendido a toda a comunidade.

Durante a maturação do meu projeto de intervenção, entretanto, mudei a proposta original e resolvi que o plano de ação seria realizado para além do espaço da biblioteca, atingindo outros espaços, como a sala de aula ou o espaço multimídia, já que sua implementação aconteceria em parceria com a professora Nívea, dentro da disciplina de Sociologia com alunos e alunas que cursam o 3º ano do Ensino Médio.

Para estabelecer um trabalho significativo no contexto escolar atual, é importante realizar uma pesquisa que delinea a “personalidade” da escola, sendo extremamente importante no processo prévio de execução do plano de ação a elaboração desse perfil, assim sendo, o Projeto Político Pedagógico/PPP foi analisado.

Ao consultar o PPP da EMLG criado em 2002, é presumível constatar que o que a escola nomeia como PPP, trata-se na verdade de uma miscelânea de arquivos que contêm projetos diversos, textos, atividades e fotos. É muito mais um apanhado de material, não havendo uma proposta sistematizada que descreva a missão da escola, os objetivos delineados, ou mesmo a história da escola em descrição linear padronizada nas regras de formatação que a comunidade científica exige.

Por essa razão recorreremos ao Regimento escolar com mais frequência para melhor situar as diretrizes pedagógicas da EMLG, salientando que a última alteração dos gestores foi realizada em 2012, e, através de minuciosa análise constata-se que contêm informações claras e objetivas, com a finalidade de traçar com sobriedade o perfil de atuação da instituição

Ainda assim é possível extrair algumas informações do PPP, o definindo pela gestão criadora como:

O PPP constitui-se de um instrumento que expressa as diretrizes do processo de ensino-aprendizagem, tendo como referencial a sua realidade, a de seus alunos e as expectativas e possibilidades concretas, acreditando na escola como vínculo de educação e sua integração na comunidade em que vive. (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI, 2002)

O papel do professor está em destaque no documento, de forma que a escola caracteriza ser primordial em sua função o “compromisso nas discussões do projeto” (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI, 2002) para que o PPP não seja algo definitivo, mas sim dinâmico e atemporal, de forma a ser escolar reinventado e construído ao longo das atividades da EMLG.

No PPP há uma pesquisa realizada com alunos (as), professores (as) e comunidade que visava compreender como a escola era aceita pela comunidade escolar e qual era o público contemplado pela EMLG. O resultado demonstrou que a escola era percebida como uma instituição que oferecia um ensino de qualidade por todos os envolvidos na pesquisa. A sua estrutura foi avaliada positivamente e professores receberam elogios.

Nessa pesquisa alunos (as) e pais também responderam a um questionário que buscava mapear a escolaridade dos pais, situação socioeconômica e expectativas em relação à escola. A biblioteca não é contemplada nem na fala de pais e alunos (as), nem de professores, o PPP apenas fala da biblioteca ao descrevê-la como espaço que “busca desenvolver uma metodologia que a transforme em um dos centros de informação da Escola. Hoje é a biblioteca pólo da região, e que atende toda a comunidade”

É possível extrair ideias soltas no contexto do PPP, que, colocadas em linhas gerais caracterizam o que a escola se propõe a realizar, e assim é possível entender que essas ações se encontram vagamente no contexto que permite discutir a educação em diversidade sexual na escola, do texto é possível citar: “saber conviver em grupo” ou “respeitar as identidades e diferenças”.

O discurso pedagógico da escola encontra afinidade com a fala de José Diniz JUNQUEIRA ao discorrer sobre o reconhecimento da diversidade:

Em uma sociedade, como a brasileira, constituída e estruturada pela diversidade, e em que as diferenças são, com frequência, produzidas e percebidas no curso de relações assimétricas, a promoção da cultura do reconhecimento da diversidade pode representar mais do que um irrenunciável compromisso de ordem ética. Com efeito, ao nos conscientizarmos de que a diversidade nos caracteriza como sociedade e como indivíduos, somos impelidos a procurar formas de reconhecê-la de modo a

fazer com que ela (e a pluralidade que a acompanha) possa configurar um fator de enriquecimento e de desestabilização das relações de poder. (JUNQUEIRA, 2008. p 4)

Ainda é preciso destacar de forma mais profunda o discurso pedagógico adotado pela EMLG, bem como todo o histórico da escola e informações relevantes acerca de sua dinâmica filosófica e estrutural, de forma que recorremos ao Regimento como referência para mapear essas questões.

No Regimento é possível encontrar a missão e objetivo da EMLG, aglutinados na seguinte definição:

A EMLG tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do aluno, formando cidadãos solidários, conscientes de sua cidadania, criativos, críticos e éticos. O foco da escola está na atenção à pessoa como agente transformador de seu meio vivencial”. (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI, 2012).

Nessa perspectiva, como nos lembra Junqueira (2008), faz se imprescindível trabalhar o reconhecimento da legitimidade da diferença para uma educação de qualidade para construirmos a “convivência social, cidadã e democrática” no espaço escolar, o configurando para que a promoção da diversidade constitua um fator de inclusão e pertencimento.

Analisando os projetos destacados no Regimento escolar como os mais relevantes da escola Municipal Luiz Gatti, fundada desde 1981, encontramos:

Práticas Industriais; Práticas Agrícolas; Ginástica Olímpica/Rítmica; Processamento de Dados; Educação Ambiental; Olimgatti; Festivais de música; Estudo preparatório para o vestibular; alfabetização e letramento; Gincanas; A Pré-História e os diversos aspectos do conhecimento; Projeto Interdisciplinar, Projeto Corrente do Bem, Projeto Aulas de Educação Física para as mães, projeto Regadas para o Futuro; Projeto de Mãos Dadas; Participação em torneios (Copa Mercantil do Brasil, Copa Meritus...); Escola Integrada; Escola Aberta; Trabalhos de Campo; Jornal Coração de Estudante; Festa Junina; Gingatti; Talengatti; e outros. Todos estes projetos estão voltados para oferecer um ensino de qualidade, possibilitando a superação das desigualdades. (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI, 2012).

No documento citado não há nenhuma referência a projetos contendo a temática da diversidade sexual, o que não quer dizer que não tenha acontecido nenhum projeto, mas é possível inferir que a diversidade sexual também não está ligada a projetos de sucesso ou grande notoriedade na história da escola pela simples ausência de registro. Por isso o atual trabalho visa propor uma intervenção pautada no trabalho com a diversidade sexual, especificamente com a homossexualidade, acreditamos que é “preciso falar de homofobia e reconhecê-la como um problema real” (JUNQUEIRA, 2008. p.2), pois ela faz parte do nosso cotidiano e pessoas são constantemente discriminadas na escola.

Embora a EMLG seja bem conhecida na rede por enfrentar a prefeitura, fomentar greves, possuindo uma comunidade discente bem politizada e unida, ou seja, possuir um histórico esclarecido e aberto a discussões por direitos estudantis parece que a temática da sexualidade ainda é algo que não foi efusivamente explorado em sua dinâmica pedagógica.

A escola já deu provas de ser capaz de fomentar a comunidade escolar a participar de suas lutas por melhorias na educação em sua história pedagógica, como sustentar o Ensino Médio na rede municipal até o final de 2014. Sempre que a prefeitura ameaçava acabar com o Ensino Médio na EMLG, os alunos e alunas, pais e professores participavam de passeatas, manifestações, entre outros.

Há várias reportagens que cobriram as manifestações da comunidade escolar em favor da permanência do Ensino Médio na EMLG, dentre elas a rádio Santa Luzia noticia em sua página online, uma manifestação seguida de passeata ocorrida em 23/10/2012 em favor do Ensino Médio em escolas municipais.

No site do jornal Estado de Minas também há cobertura do protesto ao encerramento do Ensino Médio na EMLG, cujo título da reportagem é “Estudantes protestam contra fechamento do ensino médio na Escola Municipal Luiz Gatti: Os 720 alunos e alunas que estão cursando o ensino médio permanecem na unidade até a formatura, porém a partir de 2013 não serão abertas novas vagas” (EM.COM, 2012), essa reportagem retrata a massa dominante de alunos e alunas com cartazes, as caras pintadas e nariz de palhaço em demonstração de indignação frente a decisão da prefeitura, a direção, alunos (as) e professores (as) da EMLG questionaram que a preferência em destinar o Ensino Médio a rede estadual de educação não justifica a proibição, informação congruente com o discurso da secretaria de educação, porém a restrição da lei federal seria justificativa suficiente para a Prefeitura de Belo Horizonte, de forma que o fechamento foi deliberado.

Como foi descrito, a EMLG costuma incentivar a criticidade e envolvimento dos alunos e alunas nas decisões realizadas através das assembleias escolares e no grêmio estudantil, atitude elucidada pelo Regimento escolar, nele é relatado como objetivo da EMLG a meta de “orientar o aluno a se tornar agente transformador de seu meio vivencial”. (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI, 2012).

Em crítica ao Regimento e ao PPP, é possível apontar que a escola ainda é bem tímida ao trabalhar assuntos relacionados à sexualidade de forma mais sólida no cotidiano escolar, assunto que faz parte do seu “meio vivencial”, assim como reza os projetos de maior

reconhecimento registrados no Regimento. De forma que é possível perceber a carência de discussões que permeiam assuntos aprofundados relativos à diversidade sexual, bem como a escassez de acervo literário que preencha o máximo de informação que compreenda a diversidade sexual.

Propor o desenvolvimento do plano de ação com foco na atuação do profissional de biblioteca se constitui no desafio de garantir o acesso da comunidade escolar a informações sobre assuntos relacionados a diversidade sexual, buscando o efetivo trabalho do respeito às diferenças, sobretudo a equidade de gênero.

Desta forma, o Plano de Ação apresentado busca compreender como a Escola Luiz Gatti trabalha a questão da diversidade sexual em todo o seu contexto pedagógico, dando ênfase ao papel da biblioteca nesse processo de acesso a informação.

## **2.1 Reflexão e memória da prática pedagógica**

Estou na função de Auxiliar de Biblioteca escolar desde 2007, atendendo inicialmente turmas do 2º ciclo, 3º ciclo, Ensino Médio e comunidade escolar. É preciso ressaltar 2014 é o último ano do Ensino Médio na rede Municipal de Educação.

Atualmente, meu público expressivo são alunos e alunas do 1º ano do 1º ciclo, das séries finais do Ensino Fundamental e professores e professoras.

É muito interessante pensar reflexivamente como foi a construção da prática pedagógica em minha trajetória profissional, por ser delicioso relembrar fatos, vivências e escolhas que me tornaram na profissional que sou hoje.

Eu nunca tive condições de ingressar num curso superior, como acredito ser a realidade da maioria dos brasileiros, a minha cultura familiar sequer permitia sonhar com essa conquista. Persisti e passei no vestibular para o curso de Pedagogia, no Centro Universitário de Belo Horizonte/UNIBH conseguindo posteriormente a bolsa de estudos.

Pedagogia é um curso muito rico, dinâmico, criativo. A grande parte dos professores é comprometida e nos inspiram a sermos profissionais conscientes do nosso papel pedagógico. A minha inspiração a optar por essa carreira veio das aulas que comecei a dar numa instituição para pessoas carentes, eu trabalhava temas diversos com as crianças que lá freqüentavam, enquanto seus pais participavam da reunião e distribuição de cestas básicas.

Minha primeira experiência profissional foi um estágio realizado no Instituto Nacional de Previdência Social / INSS, eu trabalharia na seção de Treinamento e Desenvolvimento de Pessoal, experiência que foi extremamente coerente com a idéia de Pedagogia Empresarial. Lá possui uma qualidade profissional e humana incrível. Tive a possibilidade de participar de numerosos cursos, eram palestrantes brilhantes expondo vários assuntos, dentre eles as relações de trabalho e motivação para melhor atender o público.

Também estagiei na Escola Municipal Osvaldo Pierucetti / EMPOP como acompanhante de uma aluna com deficiência, estudei muito para poder proporcioná-la a melhor intervenção pedagógica possível e acredito que ela tenha desenvolvido consideravelmente a qualidade do seu vocabulário e sistema motor. Como a aluna faltava bastante, a escola me aproveitava para auxiliar os setores em defasagem de pessoal, de forma que passei a atuar nos setores da secretaria, coordenação e biblioteca. Cresci muito enquanto profissional e conheci intimamente o mecanismo de uma escola.

Sempre fiz dois estágios simultaneamente, tendo o Hemominas em concomitância com a EMPOP. Lá a minha função se desenvolvia na Seção de Ensino. O curioso desse estágio era que tínhamos muita autonomia para realizar nosso serviço, havia muita confiança depositada em seus estagiários. Nesse estágio, em particular, desenvolvi a capacidade de ser responsável por apresentar palestras e receber públicos variados de diversas instituições de ensino.

Outro estágio que realizei foi na própria UNIBH, no Setor de Práticas Pedagógicas. Nesse setor pude ter mais contato com os professores da faculdade, com os alunos (as) e funcionários (as). Fazia parte do meu trabalho participar de vários eventos, palestras, cursos, de forma que foi muito proveitoso pro meu percurso acadêmico.

Quando estava no último período do curso de Pedagogia fui chamada pela Prefeitura de Belo Horizonte para assumir a função de Auxiliar de biblioteca. Assumi a minha função numa escola em que estou lotada desde a minha admissão. Essa escola tem uma biblioteca escolar expressiva, tanto em títulos como qualidade e espaço. Quando ingressei o meu público dominante era de alunos e alunas do Ensino Médio, e foi com espanto e por meio das estatísticas diárias que constatei que liam bastante, os jovens do Ensino Médio que frequentavam a biblioteca eram um público muito divertido e amistoso. Essa situação me motivou a cursar Biblioteconomia, curso concluído em 2012.

Atualmente a minha prática pedagógica é fruto de uma harmoniosa aliança entre a minha experiência enquanto pedagoga e bibliotecária, de forma que conduzo projetos junto com minhas colegas de trabalho tendo como maior desafio a conquista de novos leitores. A qualidade da leitura dos jovens é a maior motivação no meu trabalho atualmente.

## **2.2 O plano de ação**

A proposta inicial do projeto de ação seria estimular a aquisição de livros qualitativos que oferecessem informações atualizadas e precisas ao leitor que procurasse bibliografia acerca da temática da diversidade sexual.

Porém, à medida que o trabalho foi sendo consolidado, a necessidade de intervenção evoluiu, abrangendo a proporcionalidade compatível ao alcance que a temática da diversidade sexual nos permite realizar na escola. De forma que um trabalho limitado à biblioteca se tornou obsoleto, apenas denunciar a questão de escassez dos livros literários, didáticos e paradidáticos, seria uma modificação superficial, pouco relevante frente às discussões que este projeto de intervenção anseia promover.

O objetivo era sair do silenciamento considerando que

antes de tudo, é preciso reter que escola é um espaço de reprodução social, um espaço de construção e transmissão de saberes, valores e preconceitos... Nesse sentido, para que a escola possa fazer parte da solução, será necessário reconhecer que, antes, ela faz parte do problema. (JUNQUEIRA, 2008. p.6)

O projeto foi realizado em parceria com a professora Nívea cuja disciplina é a Sociologia, tendo como público alvo 120 alunos e alunas (3 turmas) do 3º ano do Ensino Médio da Escola Municipal Luiz Gatti.



### 3. PROBLEMATIZAÇÃO

Como sou profissional de biblioteca, a intervenção que havia planejado para desempenhar a proposta da ACCP seria realizada na biblioteca da EMLG, por ser pólo, e apresentar ao usuário um considerável acervo, acreditei que essa também seria uma estratégia interessante para incentivar os alunos e alunas a explorarem os recursos da biblioteca Giramundo.

Porém, à medida que o projeto foi sendo desenvolvido, naturalmente percebemos a necessidade de extrapolamos o espaço físico da biblioteca ou mesmo da sala de aula, resultando no inusitado uso de múltiplos espaços para oportunizarmos situações de ensino-aprendizagem.

A realização da intervenção aconteceu com o apoio da professora Nívea que atualmente ministra a matéria de Sociologia para o Ensino Médio. Foi ela que havia me inspirado a delinear essa forma de intervenção, pois nos últimos cinco anos ela envia as turmas para a biblioteca com a tarefa de escolherem algum livro preferencialmente de caráter paradidático, entendendo que o assunto se enquadre num tema polêmico para a sociedade. Após a escolha do livro, há um trabalho escrito a ser entregue seguido de apresentações compartilhadas entre as três turmas de pares.

Quando dois alunos da mesma turma me pediram material que abordasse a homossexualidade, simplesmente não localizei livros atualizados, havia poucos exemplares e infelizmente não consegui atender a expectativa informacional deles com o recurso disponível na biblioteca.

Essa situação me fez observar com mais curiosidade como a sexualidade era trabalhada na escola como um todo. Sim, os adolescentes e pré-adolescentes sempre se interessam por esse assunto, mas por que ele é silenciado de várias maneiras inclusive informativamente? Será que devemos resumir estudos sobre a sexualidade e o corpo apenas ao livro didático de Ciências ou Biologia? O silêncio também não seria prejudicial à educação dos alunos e alunas?

É preciso destacar que a intervenção se deu em parceria com a Jeaneth, que trabalha e cursa o Laseb comigo, cada uma cumpriu seu plano de aula e ambas nos apoiamos na realização dos projetos.

Reafirmo que na proposta original do plano de ação, precisaria de cinco aulas para cada turma, de forma que inviabilizaria a conclusão do projeto em tempo hábil. Assim sendo, as atividades foram iniciadas com uma turma, a 302, optamos por realizar o trabalho com tranquilidade, ou seja, pela qualidade das informações, dando o espaço necessário para fomentar discussões mais profundas com a turma.

#### 4. JUSTIFICATIVA

A necessidade de análise de fatores que justifiquem a escassez de acervo literário que compreenda a diversidade sexual surgiu em 2011 por meio de um trabalho realizado por uma professora da EMLG, que leciona Sociologia a turmas do Ensino Médio.

A atividade proposta aos alunos e alunas se resumia em ir a biblioteca escolher um exemplar paradigmático que abordasse algum tema que eles consideravam polêmico e achavam precisar ser discutido na sociedade. A tarefa era ler o livro individualmente ou em pequenos grupos e depois apresentar o conteúdo para as todas as turmas pares.

O critério de separação ou indicação de bibliografia se dava após a escolha do assunto que o alunos (as) ou o grupo escolhesse pesquisar, a segunda etapa seria vir na biblioteca para pesquisar o tema no acervo, caso o assunto ainda não fosse escolhido havia um exposição de exemplares paradigmáticos na categoria 300, ou seja, assuntos de cunho sociológico de vertentes variadas.

Os temas recorrentes de todos os anos tratavam de drogas, racismo, o papel da mulher na sociedade, aborto, conflitos no Oriente Médio, entre outros. Porém, um grupo resolveu tratar da homossexualidade e rapidamente requisitou livros que retratassem este assunto específico. Através da busca no acervo foi percebido com muita surpresa que não só não havia conteúdo suficiente que englobava a diversidade sexual, como os exemplares estavam obsoletos. A única referência que atendia a necessidade do grupo adveio da “coleção primeiros passos”. Situação que hoje é alterada por um exemplar recentemente adquirido (Tribo adolescente), adequadamente referenciado no final deste capítulo.

Voltando ao grupo que tinha a homossexualidade como foco de trabalho, é preciso reforçar que eles não se contentaram com a falta de informações, pois eles não só queriam falar e esclarecer para os demais alunos e alunas da escola acerca de um assunto que consideram “polêmico”, como queriam se afirmar enquanto homossexuais. É interessante relatar que no contexto do “Luiz Gatti” nunca se assumiu a homossexualidade de forma tão politizada quanto neste período. Havia representantes de turma orgulhosos de sua orientação sexual, que, trabalhavam a temática “anti-discriminatória” sempre que havia oportunidade, inclusive havia um membro extremamente atuante no contexto político da escola no grêmio estudantil.

Mas a temática da homossexualidade se tornou expressiva quando a namorada de uma aluna preparou uma surpresa para pedi-la em casamento no meio do pátio em pleno recreio. Houve comentários depreciativos e preconceituosos relativos ao acontecimento, elas foram alvejadas por alunos (as), funcionários (as), funcionárias e professores (as).

Essa situação potencializa uma reflexão sobre como as pessoas são capazes de hostilizar o que é diferente de sua realidade na suposta condição de normalidade. Por isso surge a situação problema que me imbuí a questionar a falta de acervo literário que viabilize informar, esclarecer e trabalhar adequadamente a diversidade sexual, tendo os alunos (as) e professores (as) como sujeitos envolvidos.

Outro indicador que corrobora a necessidade e urgência do presente trabalho em abordar a diversidade sexual, foi a enorme demanda de empréstimos de dois exemplares da literatura brasileira adquiridos em 2011 e 2012: o terceiro travesseiro (CARVALHO, 2007) e apartamento 41 (CARVALHO, 2007). Ambos os livros foram alvos de extensa procura entre alunos e alunas do período noturno por se tratar de romance entre homossexuais. A curiosidade não só causou alvoroço entre alunos e alunas, como em funcionários e professores. É importante ressaltar que os livros citados são destinados a adultos, por isso os empréstimos foram restritos a alunos e alunas do período noturno e funcionários da escola.

Tais situações demonstram a relevância da intervenção e fomentam os questionamentos sobre não só a escassez e atualização das obras, como a ausência de projetos que foquem a diversidade sexual, a intenção é compreender a razão dos gestores em negligenciarem esses fatos.

## **5. OBJETO**

As concepções sobre a diversidade sexual com alunos e alunas do 3º ano do Ensino Médio, seus preconceitos e representações sobre as homossexualidades.

## **6. OBJETIVOS**

### **6.1 Objetivo geral**

- Propor junto aos alunos e alunas do 3º ano do Ensino Médio, oficinas sobre educação sexual com o uso de livros paradidáticos e de literatura em que se discuta as relações de gênero e a diversidade sexual.

### **6.2 Objetivos específicos**

- Realizar a pesquisa de acervo na biblioteca que permita verificar o número de títulos que tratam das relações de gênero e da diversidade sexual;
- Ministras oficinas que enfoquem a equidade de gênero e a diversidade sexual a alunos e alunas do Ensino Médio;
- Propor a elaboração e exposição de painéis confeccionados pelos alunos e alunas que resumam as aulas recebidas.

## 7. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Era um dia comum na escola, os adolescentes alegres se socializam no tumultuado horário do recreio, que neste dia durou mais do que o esperado em razão de uma reunião entre os professores e professoras.

De repente, percebe-se um burburinho no pátio, as pessoas se aglomeram, formam um círculo destacando a situação em foco. Afinal, o que seria? À medida que me dirijo ao local vejo alguns professores se aproximando e ouço: “quero ver o espetáculo”, “não acredito que isso está acontecendo nessa escola!”, “que vergonha!!!”, “como elas tem coragem de fazer isso em público?”.

A minha curiosidade aguçou, ao me aproximar do local escutei comentários horríveis, deboches, risos, revolta e palavras dirigidas a situação. Nossa, afinal, o que seria?

Enfim, consegui visualizar uma linda cena de afeto sincero: a namorada de uma aluna da escola a pedia em casamento, querendo toda a escola como testemunha da felicidade de ambas. Com flores na mão, ela dizia com muita emoção o quanto sua namorada era especial em sua vida e por isso a queria compartilhar com ela. À namorada couberam choros e risos, tamanha a surpresa e alegria do momento, que, naturalmente era muito especial.

Fiquei muito incomodada não só com a reação preconceituosa de muitos alunos e alunas, sobretudo dos “professores (as)” que ensinam nossos jovens. Desde então a inquietude dominou meus pensamentos, causando reflexões que só encontram algum alento na ignorância das pessoas, e, quando digo ignorância, quero introduzir a ideia de ignorar o conhecimento e/ou saber. Por quê incomoda tanto as pessoas gostarem de se relacionar com alguém do mesmo sexo? No que elas são prejudicadas? Quais as razões que a levam relacionar a homossexualidade à moral comprometida? Por quê quem é “diferente” paga um preço tão alto?

Assim, para nos ajudar a entender como os “desníveis” são estabelecidos entre as pessoas ditas “diferentes”, há um capítulo intitulado “diferenças, desigualdades: a afinal, quem é diferente?” no livro “Gênero, sexualidade e educação” de autoria da Guacira Louro (1997, p.64) que discorre sobre as variadas formas de vivência da sexualidade, resgatando a diferença de gênero não só constatado em nível biológico, como em relações primitivas de poder estabelecido em nível sexual, nessa intrincada relação de poder o que significa ser diferente ganha tons de desigualdades. Essa explicação acerca do “poder” de se fazer os

outros “desiguais” é perfeitamente visualizada na relação entre os professores e professoras preconceituosos frente ao casal de lésbicas.

A reação homofóbica de algumas pessoas frente a expressão genuína de afeto das garotas foi tão marcante que nos convida a refletir em como a diversidade sexual é efetivamente trabalhada na escola. Pois

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (BRASIL, 1998, p.292)

Ao consultar os documentos que devem introjetar a identidade da escola frente as suas diretrizes pedagógicas, o PPP e o Regimento, no tocante ao trabalho com a sexualidade, é possível pontuar que

- No tópico XXXIII, Seção I, capítulo II - Dos Direitos dos Estudantes - ter acesso ao conhecimento, à brincadeira e ser respeitado na sua diversidade sociocultural, étnico-racial, sexual, linguística e religiosa;
- No tópico VI, Seção II, capítulo II - Dos Deveres dos Estudantes - relacionar-se sem qualquer tipo de discriminação de gênero, orientação sexual, social, cultural, étnica ou religiosa;
- No tópico VIII, capítulo III - Das Sanções - Seção I - Do Corpo Docente e Técnico Administrativo - crimes contra a liberdade sexual e crime de corrupção de menores, em serviço ou na repartição;
- No tópico II - Capítulo I - Título VIII - Das disposições Transitórias - Dos Serviços e Programas pedagógicos complementares na educação básica - Seção V - Do Programa Saúde na Escola - A orientação afetivo sexual. (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI, 2012).

Para contextualizar a situação problema o Regimento escolar foi consultado com a finalidade de oferecer análise aprofundada da maneira como a escola descreve tratar da sexualidade. Os tópicos retirados indiscriminadamente das 79 páginas do documento nos permite inferir que falar e até mesmo registrar a máxima dos direitos estudantis de que a diversidade deva ser respeitada é uma tarefa muito simples, a dificuldade se encontra na vivência da diversidade, nas situações que nos são apresentadas a todo o momento e simplesmente não sabemos como lidar de forma humanizada.

De forma que

uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existam muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. (LOURO, et al. 2003 p.43-44)



No Regimento o repúdio a discriminação de gênero ou orientação sexual e também a orientação afetivo sexual são elementos registrados como compromisso social da escola. Como nos lembra JUNQUEIRA (2008, p.5)

homofobia nas escolas tumultua o processo de configuração identitária e a construção da autoestima; influencia a vida socioafetiva; dificulta a integração das famílias homoparentais na comunidade escolar... Assim, a promoção da diversidade constitui um fator de inclusão e pertencimento.

Nos dias de hoje não cabe mais as pessoas que formam a escola ignorarem que tem uma série de situações-problema que originam a discriminação em variadas vertentes. Sair do silenciamento, como JUNQUEIRA (2008) nos convida a refletir. E “trabalhar contra a homofobia no cotidiano escolar é, portanto, trabalhar por uma escola melhor para todas as pessoas”.

Esse tema é tão sério que

As diferenças têm efeitos materiais, evidentes, por exemplo, na impossibilidade ou nas dificuldades legais que homens e mulheres homossexuais têm de constituir família, de assumir a guarda de filhos ou de adotá-los, ou ainda de receber herança após a morte de seus companheiros e companheiras. Os discursos produzem uma “verdade” sobre os sujeitos e sobre os seus corpos, ao denunciarem, por exemplo, os malefícios da menstruação, associando-a à anemia e à tensão, e ao sugerirem, e ao sugerirem, conseqüentemente, que mulheres “esclarecidas” evitem essa sistemática perda de sangue. Os discursos resultam num “saber”, como o que afirma, por exemplo, que, diante de tragédias pessoais, as mulheres acionam zonas cerebrais diferentes e mais amplas do que as acionadas pelos homens. Os discursos traduzem-se, fundamentalmente, em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos próprios sujeitos. Por isso, para educadores e educadoras importa saber como se produzem os discursos que instituem diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente, como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui. (LOURO, et al. 2003. p.47)

Na introdução do livro “Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo”, as organizadoras discorrem sobre o papel do corpo na civilização ocidental, de forma que

(...)um olhar mais cuidadoso nos mostra que todos os processos educativos sempre estiveram - e estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres. Os corpos foram - e são – objeto da mais meticulosa atenção, não apenas das escolas, mas de várias instâncias sociais. Eles são o alvo central de muitas pedagogias culturais que, além das instituições escolares e por vezes de forma mais sedutora e eficiente do que essas, veiculam saberes, transmitem valores e, efetivamente, acabam por “produzir” os sujeitos sociais. Nesse processo, as dimensões de gênero e de sexualidade usualmente se tornam alvo de atenção privilegiada. (Louro et al, 2003. p.7)

As autoras introduzem o conceito de que falar do corpo é também falar de nossa identidade, o que nos faz considerar o direito que temos a nosso corpo, e mais que isso, do

direito que temos a pensar, agir, manifestar e simplesmente ser quem realmente somos, sem que as diferenças estabeleçam graus de desigualdades, nos coibindo ou punindo apenas por não sermos todos brancos, bonitos, heterossexuais, ricos, magros, cristãos, castos, sem deficiências, dentre outros elementos que configuram ter ou não status nessa sociedade “pré-conceituosa”.

Cabe considerar que as

(...) justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é mesmo que essas podem ser compreendidas for a de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 1997. p.22)

Ao expor seus apontamentos acerca de como se aprende a diferenciar a escola, o professor Natalino (2011) discorre sobre a cultura numa perspectiva sócio-histórica, ou seja, não há neutralidade, ela é constantemente construída e reproduzida. De maneira que aprendemos a pensar e agir conforme as representações sociais que nos ensinaram a seguir sem questionar, o que nos faz pensar sobre as possibilidades que a diversidade cultural possa representar como princípio educativo.

Desta forma, é possível concluir que “as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento... são estáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO 1997. p.27).

Quando afirmo que precisamos trabalhar a diversidade nas escolas, e que nossos alunos e alunas de hoje começam a questionar a razão das pessoas que não se encaixam ou conformam com certas “verdades” socialmente aceitas, percebemos que

(...) o centro, materializado pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média, passa a ser contestado. Portanto, muito mais do que um sujeito, o que passa a ser questionado é toda uma noção de cultura, ciência arte, estética, educação que, associada a esta identidade, vem usufruindo, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno da qual gravita. (LOURO, et al. 2003 p.42)

Questionar os padrões de representação e aceitação que a sociedade nos impõe através de um processo sociohistórico é fator essencial para ensinar nossos alunos e alunas a serem pessoas mais humanas e esclarecidas, não nos cabe hostilizar outras pessoas apenas pelo fato de serem diferentes, é preciso difundir a ideia de alteridade dentro de nossas escolas.

Precisamos, enfim, nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de

todas as posições. É possível, então, que a história, o movimento e as mudanças nos pareçam menos ameaçadoras. (LOURO, et al. 2003 p.51)

É preciso registrar que a situação do achaque ao casal de lésbicas me incomodou muito, pois eu realmente não me apercebia da dimensão da discriminação e do preconceito arraigados em nossa sociedade, quanto mais o impacto que a falta de ação por minha parte (consolidada na ignorância) contribuintes para reforçar o preconceito e também o sentimento de “não pertencimento” aos alunos vítimas de discriminação.

## 8. METODOLOGIA

A intervenção iniciou-se por meio de investigação no acervo para encontrar livros que abordem temas relacionados à diversidade sexual, seguido por entrevista e questionário realizados com os usuários da biblioteca.

No trabalho inicial houve uma conversa com a coordenação da escola e a bibliotecária, constatando a premissa de que a EMLG negligencia projetos relacionados à diversidade sexual.

É relevante ressaltar que a bibliotecária concluiu recentemente a pós-graduação em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero, seu projeto objetivou “elaborar estratégias de divulgação e utilização do acervo sobre os temas: história/cultura africana e história/cultura indígena”.

A coordenação afirma não haver projetos que trabalhem precisamente a sexualidade. Essa temática é vista como coadjuvante da disciplina de biologia que trata dos órgãos reprodutores, ou seja, não há iniciativa de se trabalhar a homossexualidade.

Já a bibliotecária reconheceu a “pobreza” do acervo e afirmou já haver procurado referências qualitativas, porém, não encontrou nenhum livro que trabalhe adequadamente a temática da diversidade sexual compatível com a faixa etária dos alunos e alunas (11 a 14 anos).

As entrevistas e questionários destinados aos usuários da biblioteca terão como foco identificar o interesse no assunto que trate da sexualidade/diversidade sexual e sua satisfação informacional com o acervo disponível para consulta.

A pesquisa no acervo aponta que há exemplares inadequadamente dispostos nas estantes, os exemplares que possuem a discussão acerca da sexualidade estão misturados em livros que tratam de nutrição, dieta, e prevenção de acidentes, fato que dificulta a visualização do usuário da biblioteca, consequentemente atrapalhando a busca satisfatória dos usuários.

Outro fator depreciativo é a atualidade dos exemplares que discutem as relações sexuais contemporâneas, análise corroborada pelos resultados das entrevistas e questionários realizados com usuários da biblioteca.

## 8.1 Metodologia de ação

O plano de ação foi realizado em parceria com a professora Nívea que ministra a matéria de Sociologia. Foi pedido a ela que discorra com os alunos e alunas sobre a homossexualidade em diferentes períodos da história da humanidade para introduzir o plano de ação a ser realizado com as turmas.

No período selecionado para a apresentação do trabalho aos alunos e alunas de 3 turmas do 3º ano do Ensino Médio, a intervenção se deu em cinco aulas para cada turma.

### 1ª aula

- Após a sucinta apresentação das razões de existência do projeto aos alunos e alunas, eles foram separados em grupos fixos para desenvolverem as atividades e motivar os alunos a participarem com empolgação.

- O assunto foi introduzido com o vídeo: “Era uma vez outra Maria”, com cerca de 20 minutos.

- A princípio o objetivo se resume em instigar as relações com as escolhas ligadas com a sexualidade e gênero para introduzir a questão da homossexualidade.

- O recurso seguinte proposto aos grupos é a dinâmica do “há preconceito” e “não há preconceito”. Foram distribuídos 3 papéis que descrevem situações distintas de preconceito contra homossexuais. Formamos 6 grupos, 2 grupos ficaram com cópias da mesma situação discriminatória, sendo que um grupo deveria criar argumentos que visassem defender os agressores, os isentando do preconceito, e outro grupo denunciaria as razões de existência da discriminação.

- Foram discutidos os seguintes casos:

1º- Resumo da notícia: Em Mossoró, segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, Digna Medeiros, começou a ser pressionada pelo Conselho Tutelar porque não mandava seu filho Alex, um garoto franzino, que não aparentava seus 8 anos, à escola. Ameaçada de perder a guarda, mandou o menino para morar com o pai no Rio de Janeiro. Horrorizado porque Alex gostava de dança do ventre e de lavar louça, Alex André passou a aplicar o que chamou de “corretivos”: surrava o filho repetidas vezes para “ensiná-lo a andar como homem”. No último dia 17 de março de 2014, iniciou outra sessão de espancamento. Duas horas depois,

Alex foi levado para um posto de saúde. Parecia desmaiado, com os olhos grandes, entreabertos. Mas não havia mais o que fazer, estava morto. O pai negou ter tido a intenção de matar, mas insistia que o filho tinha que ser “homem”. (ALVES, 2014)

2º- Um casal gay é barrado na churrasceria, os funcionários se recusaram a aceitar que os dois participassem de uma promoção exclusiva para casais. (UOL, 2013)

3º- Desde dezembro na comarca de Santana do Livramento, a juíza Carine provocou uma revolução de costumes na Fronteira ao propor a realização de um casamento coletivo, incluindo pares do mesmo sexo, dentro de um CTG — reduto sagrado da virilidade rio-grandense. Chegou a se abraçar à bandeira do arco-íris (símbolo do movimento gay) para demonstrar o quanto estava decidida. Em março, realizou o primeiro casório coletivo e misto na cidade, no fórum de Livramento. (MARIANO, 2014)

- Ao final, discutiremos sobre as sensações que os alunos e alunas tiveram ao longo do trabalho e haverá a indicação do texto: Violência contra os homossexuais de autoria do Drauzio Varella, que deverá ser lido para a próxima aula, de forma que será recomendado destacar o que acharam mais interessante após a leitura.

## 2ª aula

- Foi exibido o vídeo “Quem” de autoria do grupo “porta dos fundos” como recurso inicial leve e descontraído para introduzir a reflexão acerca da forma de como lidamos com as diferenças.

- Apresentação do vídeo “The Whittington Family: Ryland’s Story” e a respectiva reportagem noticiada recentemente, que mostra uma garota americana de 5 anos que sempre se identificou como menino. Ryland tinha deficiência auditiva, passou a ouvir após um implante de chip, logo que consegue falar, suas primeiras palavras são: eu sou um menino. Essa reportagem é fruto de um vídeo realizado pelos pais de Ryland que mostra sua transformação de menina para menino, ou seja, transgênera.

- Pedimos que cada aluno desenvolvesse uma teoria que explique a causa da homossexualidade. Os resultados serão compartilhados com o grupo, que, elegerá a resposta que considerem a mais adequada.

- A partir das respostas, suscitar uma reflexão sobre o que é “politicamente correto” com o auxílio da referência do vídeo “quem” da porta dos fundos.

- Exibir o vídeo “violência contra os homossexuais” referente ao texto do Drauzio Varella entregue na aula anterior. Abrir espaço para discussões finais.

### 3ª aula

- Separar a turma em grupos e distribuir um trecho do livro: Tribo adolescente que discorre sobre uma pesquisa da Unesco, utilizar como instrumento de aula as seguintes perguntas encontradas no próprio texto: O que você acha dessa pesquisa? Você tem preconceito? Se aquele seu amigo do peito ou sua amiga de altos papos, que já dormiu na sua casa e com quem você já foi junto pra balada, dissesse ser homossexual, qual seria a sua reação? (RIBEIRO, Marcos; LUCAS, David, 2012, p.112)

- Como tarefa proposta para o próximo dia de atividades, os alunos e alunas deverão realizar uma pesquisa na biblioteca, o objetivo será encontrar exemplares paradigmáticos que definam a palavra homofobia, e levá-los para aula seguinte.

### 4ª aula

- Assistir o vídeo: mensagem da ONU contra a homofobia.

- Provocar um debate inspirado no vídeo e nas aulas anteriores, confrontando com o material disponível na biblioteca.

- Propor aos alunos e alunas a criação de uma frase ou desenho a partir da temática do preconceito, da discriminação e da intolerância. Os trabalhos serão expostos na biblioteca.

### 5ª aula

- Juntamente com os alunos e alunas, lançar a seguinte campanha: “Fim da intolerância e a construção de uma cultura pela paz” (RIBEIRO, Marcos; LUCAS, David, 2012, p.123).

- Confeccionar cartazes e jornais interativos.

- Realizar a exposição do material confeccionado pela escola.

- Realizar avaliação oral com os alunos.

## 8.2 Cronograma

Aula	Data	Duração	Metas propostas	Metas alcançadas
1ª	07/10/14	30 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar o projeto aos alunos e alunas;</li> <li>- Separar grupos permanentes;</li> <li>- Exibir o filme “era uma vez outra Maria”;</li> <li>- Debate sobre a influência do gênero na vida social;</li> <li>- Realizar a dinâmica do “há ou não há preconceito”;</li> <li>- Para próxima aula: Indicar o texto “violência contra homossexuais” de autoria do Drauzio Varella;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reunimos os alunos e alunas na sala de multimídia;</li> <li>- Apresentamos o projeto;</li> <li>- Respondemos as dúvidas dos alunos e alunas sobre a metodologia do projeto.</li> </ul>
2ª	10/10/14	50 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exibir o “Quem” do grupo porta dos fundos;</li> <li>- Incitar uma reflexão sobre a forma com que lidamos com as diferenças no cotidiano;</li> <li>- Exibir o vídeo “The Whittington Family: Ryland’s Story”;</li> <li>- Propor que cada grupo desenvolva uma teoria que explique a homossexualidade;</li> <li>- Após as devidas apresentações, os próprios alunos e alunas elegerão a resposta que considerem a mais assertiva;</li> <li>- Viabilizar discussão acerca do que é considerado “politicamente correto”;</li> <li>- Exibir o vídeo referente ao texto distribuído na aula anterior: “violência contra homossexuais”</li> <li>- Abrir para comentários finais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exibimos o vídeo “Quem” do grupo porta dos fundos;</li> <li>- Incitamos uma reflexão sobre a forma com que lidamos com as diferenças no cotidiano a partir dos questionamentos: Como estamos lidando com a diversidade? Será que há uma forma certa ou errada? Se sim, qual seria?</li> </ul>
3ª	14/10/14	30 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Separar grupos;</li> <li>- Realizar a leitura coletiva do texto da UNESCO que mapeia o número de homossexuais no</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exibimos o vídeo “era uma vez outra Maria”;</li> <li>- Questionar as distinções de gênero nos dias atuais;</li> </ul>



			<p>mundos;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ouvir os apontamentos dos alunos sobre o texto;</li> <li>- Para a próxima aula: Indicar uma pesquisa nos exemplares paradidáticos que discorram sobre a homofobia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Concluimos assuntos ligados as questões de disparidade de gênero, já introduzindo a temática da sexualidade com a turma.</li> </ul>
4ª	17/10/14	50 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exibir o vídeo que traz uma mensagem da ONU contra a homofobia;</li> <li>- Socializar o material trazido para aula, conforme indicação prévia;</li> <li>- Sugerir uma “mesa redonda” com base no material pesquisado e também no conteúdo trabalhado nas aulas anteriores;</li> <li>- Abrir espaço para alterações e dúvidas;</li> <li>- Propor a criação de qualquer expressão artística que aborde a temática do “não” preconceito ou discriminação ou violência.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizamos a dinâmica do “há ou não há preconceito”;</li> <li>- Houve o sorteio dos casos seguidos da apresentação dos grupos;</li> <li>- Fechamos sensibilizados, cientes do quanto os nossos preconceitos podem refletir no sofrimento de pessoas consideradas “diferentes” de nós em quaisquer aspectos.</li> <li>- Um grupo manifestou o desejo de deixar uma mensagem a favor da convivência saudável com a diversidade, iniciativa abraçada pelos demais grupos. As frases foram apresentadas, e, guardadas para usarmos na proposta final, onde os cartazes foram confeccionados.</li> </ul>
5ª		30 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lançamento coletivo da campanha: “fim, da intolerância e a construção de uma cultura pela paz”;</li> <li>- Deverão ser confeccionados cartazes e jornais interativos;</li> <li>- Realizar por toda a escola a exposição do material construído.</li> <li>- Avaliação oral do projeto de intervenção.</li> </ul>	
6ª	20/10/14	30 min	<p>Aula não programada no planejamento original.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Passamos o vídeo: “violência contra homossexuais” do Drauzio Varella;</li> <li>- Separamos os grupos, de forma que os componentes deveriam destacar um ponto forte na fala do Drauzio Varella;</li> <li>- Enquanto as apresentações foram acontecendo, fui escrevendo no quadro as “palavras-chave” utilizadas pelos alunos, tendo por finalidade utilizá-las no fechamento</li> </ul>

				<p>da atividade;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Exibimos o vídeo “The Whittington Family: Ryland’s Story”;</li> <li>- Cada grupo foi convidado a desenvolver uma teoria que explique a homossexualidade;</li> <li>- Apresentação dos grupos;</li> <li>- Escolha do grupo vencedor pelos próprios alunos;</li> <li>- Tarefa proposta para a próxima aula: ler o texto organizado pela UNESCO que mapeia o número de homossexuais no mundo.</li> </ul>
7ª	24/10/14	50 min	Aula não programada no planejamento original.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Destacamos os pontos mais relevantes do texto organizado pela UNESCO, distribuído na aula anterior;</li> <li>- Recurso da “tempestade de ideias” guiadas pelos questionamentos: O que você acha dessa pesquisa? Você tem preconceito? Se aquele seu amigo do peito ou sua amiga de altos papos, que já dormiu na sua casa e com quem você já foi junto pra balada, dissesse ser homossexual, qual seria a sua reação?</li> </ul>
8ª	28/10/14	30 min	Aula não programada no planejamento original.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizamos visita guiada a biblioteca para pesquisar exemplares paradigmáticos que tratassem da homofobia.</li> <li>- Desmitificamos causas preconceituosas que o senso comum atribui à homossexualidade;</li> <li>- Lançamos a campanha: “Fim da intolerância e a construção de uma cultura pela paz”,</li> <li>- Iniciamos a confecção de cartazes, recortes, ou alguma expressão artística que representasse a temática da campanha.</li> </ul>
9ª		50 min		
10ª		50 min		

11 <sup>a</sup>	31/10/14	30 min	Aula não programada no planejamento original.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Finalizamos os cartazes;</li> <li>- Uma exposição do material foi organizada na biblioteca durante o recreio.</li> <li>- Houve a avaliação oral do projeto de intervenção.</li> </ul>
-----------------	----------	--------	---	--

### 8.3 Ações

Antes de iniciar as atividades fiquei um pouco apreensiva acerca da aceitação do projeto porque havia comentado com alguns alunos da turma sobre ele, e, eles disseram que isso talvez fosse um problema, pois a grande parte da turma, que por seguir a religião evangélica, se mostra em sala de aula muito “resistente” a interagir com temas como a homossexualidade.

Mas a proposta era realmente a de falar de algo que incomoda, que é considerado “tabu”, que precisa ser pesquisada, oportunizar pensarmos acerca dos “pré-conceitos”, discutir, informar para sair de um estado de ignorância do saber... Se os alunos e alunas entenderam o propósito do projeto, se ele fez diferença na forma das pessoas aprenderem a conviver com a diversidade, é difícil saber, mas acredito que a simples tarefa de conscientizar, de informar ou serem ouvidos já faz enorme diferença no ambiente escolar para quebrarmos paradigmas discriminatórios.

Dia 7 - 1<sup>a</sup> aula

O tempo foi um desafio nesses dias de intervenção, na primeira aula, reunir os alunos e até finalmente conseguirmos os levar para sala de multimídia, conseguir o silêncio necessário para a apresentação do projeto e da sua metodologia, convidá-los para uma conversa onde os “pre-conceitos” deveriam ficar fora da sala, abrir para perguntas e tudo mais... Foi-se o horário. Porém, esse contato inicial foi extremamente importante para conquistarmos a confiança, fazê-los acreditar que a opinião deles era muito importante e estabelecermos uma empatia mútua, fundamental para o sucesso da intervenção.

Dia 10 - 2<sup>a</sup> aula

Nas aulas seguintes houve algumas mudanças de planos, ao compreender a dinâmica da turma optei por concluir o plano de aula inicial ao término do projeto, mas flexibilizei totalmente a execução do programa tendo por finalidade proporcionar melhor aproveitamento da turma a medida que as necessidades informacionais foram aparecendo.

A opção de introduzir as aulas de forma bem-humorada e conquistarmos a atenção dos alunos foi tomada, pois seria uma forma assertiva de iniciamos com o vídeo “quem” da porta dos fundos tendo como fim elucidar sobre como lidamos com a “diversidade” no dia a dia.

Esse vídeo brinca com a questão da diversidade como um todo o cena se passa num bar e é perguntado a um homem, certamente um cliente se ele sabe quem é o gerente do estabelecimento, esse homem fica claramente “sem jeito” não acha maneira de descrever o homem negro (o gerente) que está conversando com outras pessoas brancas, portanto, facilmente identificável pela cor, o homem apenas diz que é aquele ali e aponta. Ao longo do curta, vão aparecendo várias pessoas “diferentes”, como um travesti, um cadeirante, um anão, entre outros, o que dificulta ainda mais a tarefa do rapaz em não conseguir descrever as pessoas.

Os alunos entenderam muito bem o propósito do curta, de forma geral, o descrevendo como “uma crítica interessante, pois por não queremos ser taxados de preconceituosos acabamos por não saber nos portar com as diferenças”.

Como o esperado, o humor é uma forma peculiar para nos abriremos, nos identificarmos com as mesmas situações constrangedoras vividas pelos personagens, assim, utilizar da graça para falar sobre situações que nos coagem por não sabermos lidar, nos descontraí.

Dia 14 - 3ª aula

Seguimos com o vídeo “Era uma vez outra Maria”, que mostra claramente a distinção de gênero em nossa sociedade, um lápis parece delinear o que é considerado ser um caminho traçado por uma mulher, como “mulher não pode gostar de futebol, cabe a mulher realizar as tarefas domésticas, mulher não pode sentar de pernas abertas, mulher tem que andar com os cabelos penteados, etc...”

Esse recurso didático funcionou perfeitamente com os alunos de forma que interagiram bastante, emitindo opiniões relevantes sobre as temáticas debatidas. A análise foi

bem próxima do que o vídeo quer provocar, tantos os alunos e alunas se identificaram com a Maria ou identificaram mães, irmãs, primas, e, realmente questionaram o papel da mulher no mundo. As reflexões abarcaram a temática da sexualidade, das escolhas, o papel social de homens e mulheres, entre outros.

Dia 17 - 4ª e 5ª aula

Nesse dia separamos grupos para realizarmos a dinâmica do “há preconceito” e não “há preconceito”. O objetivo dessa dinâmica foi introduzir notícias polemizadas pela imprensa, que, explicitam situações absurdamente discriminatórias. Foram separados 6 grupos com cerca de 7 integrantes. Em sequência, cada 2 grupos deveriam duelar com argumentações que defendiam ou acusavam a mesma situação, conforme sorteio prévio, ou seja, um grupo defendia uma situação de homofobia, por exemplo, explicando causas consideradas razoáveis a seu ver, e, outro denunciava a discriminação existente. Ao final, os ganhadores eram escolhidos pelos demais grupos, que, ora, assumiam a posição de jurados.

A escolha dessa dinâmica foi feliz, pois ela nos proporcionou refletir a fundo nossos preconceitos arraigados numa lógica que nem nós mesmos nos damos conta, essa premissa marcou a unanimemente os comentários comuns entre os grupos. A capacidade de entrega apresentada pelos alunos durante a atividade e a abertura que esse recurso nos ofereceu para conhecê-los melhor foi fantástica. Esse foi o ápice de todo o processo de intervenção.

Foram 3 situações discutidas, melhor explicitadas anteriormente no item 7.1, mas em resumo se trata dos casos referentes a um garoto espancado pelo pai até a morte por apresentar atitudes afeminadas, dois homens impedidos de desfrutar de uma cortesia para casais oferecida por um restaurante, por serem homossexuais, e o caso de uma juíza que realizou um casamento coletivo, incluindo casais homossexuais em pleno reduto sagrado da virilidade rio-grandense.

A maior dificuldade acontecia quando os grupos eram sorteados para defender qualquer indício de preconceito nas notícias, havia certo sofrimento em imaginar quais argumentos poderiam eximir tais situações de culpa ou pelo menos justificar a ação excruciante.

No momento das apresentações alguns alunos expectadores se manifestaram inflamados contra aqueles responsáveis pela defesa das atitudes discriminatórias, tivemos que

intervir várias vezes, explicando que não se tratava do que eles pensavam, mas sim do que foi pedido a eles, mas mesmo assim, havia ataques freqüentes ao longo das exposições.

A intenção era terminar a aula com a dinâmica concluída, porém, houveram tantas discussões, que e foi necessário pedir a aula do próximo professor, que gentilmente nos concedeu.

Durante a execução do projeto, foi curioso notar o quanto os alunos o abraçaram, agindo com interesse e dedicação para realizar as atividades propostas. A única atitude não prevista foi a forma agressiva ou exaltada que alguns alunos e alunas agiram ao não concordar com a opinião de outros colegas de classe, oportunidade utilizada por mim e a Jeaneth para ampliar o conceito de aprender a conviver com as diferenças.

O saldo positivo é que eles realmente perceberam o “absurdo” em censurar as falas, negando o direito de expressão das pessoas que pensam diferente de nós, daí divagamos até na questão da intolerância religiosa, esse momento realmente foi fantástico, um aluno chegou a verbalizar seu entendimento “de que todos temos o direito de ser diferentes, isso não é ruim, apenas precisa ser respeitado assim como queremos que nos respeitem por sermos quem somos e pensarmos como pensamos”.

Dia 20 - 6ª aula

A aula seguinte foi iniciada com o recurso didático da fala do médico Drauzio Varella que discorre sobre a homofobia, cujo título é: violência contra homossexuais. Para auxiliar a atividade a ser cumprida, também foi entregue o texto impresso, contendo sua fala em íntegra, o desafio imposto aos alunos foi destacar os pontos fortes da fala do Drauzio. Enquanto explanavam as opiniões, fui anotando no quadro as palavras chaves para depois concluir o tema, surgiram palavras como respeito, dignidade, homofobia, olhar o outro, igualdade de direitos, entre outros.

Nessa mesma aula apresentamos o vídeo que mostra a história da Ryland, o menino transgênero. Os grupos foram novamente formados, a tarefa foi cada grupo entrar em consenso e apresentar a teoria que acreditem ser a mais aceitável para explicar a homossexualidade.

Ao final, todos apresentaram e a turma elegeu a melhor forma de explicar a homossexualidade. O grupo vencedor a explicou não como “opção, mas sim como orientação,

não sendo algo que se escolhe, mas se é, tipo, você não ‘vira’ heterossexual”. É preciso dizer que o nível de todas as apresentações foi parelho, ganhando o grupo com maior carisma e capacidade de verbalizar suas ideias com mais entusiasmo, leveza e descontração.

Após, foram distribuídas cópias do capítulo do livro tribo adolescente, com a sugestão de leitura para a próxima aula, esse texto traz dados quantitativos levantados pela UNESCO para mapear a situação da homofobia no mundo.

Dia 24 - 7ª aula

No dia seguinte, não foi surpresa observar que pouquíssimos alunos leram o texto sugerido na aula anterior, então, para contextualizar, lemos a parte que destaca os números da UNESCO para tratar da homofobia e dos homossexuais no mundo. Os questionamentos que guiaram a “tempestade de ideias” foram:

- O que você acha dessa pesquisa? Você tem preconceito? Se aquele seu amigo do peito ou sua amiga de altos papos, que já dormiu na sua casa e com quem você já foi junto pra balada, dissesse ser homossexual, qual seria a sua reação?

As discussões foram acaloradas e proveitosas do ponto de vista pedagógico, as reflexões levantadas pelos alunos foram respeitadas. De forma geral, a quantidade de homossexuais no mundo foi uma surpresa para eles, acharam o número muito elevado. Já os questionamentos sobre preconceito, a maioria foi sincera e disse haver sim certo grau de preconceito neles, mas também apontaram a necessidade em trabalhar essas questões internas porque todos merecem viver em paz sem serem criticados pelo que se é, mas sim compreendidos na sua diversidade.

A questão da amiga ganhou maiores tons polêmicos, porém houve consenso nas opiniões, um aluno homossexual esclareceu ao grupo que “não é porque você é heterossexual que vai se interessar por todos os sujeitos do sexo oposto, a mesma regra segue para os homossexuais, precisa haver excitação pela pessoa”.

Dia 28 - 8ª aula, 9ª e 10ª aula

Na aula seguinte, a proposta seria os alunos realizarem uma pesquisa prévia na biblioteca tendo como tarefa encontrar exemplares paradidáticos que definissem a homofobia, e socializá-los com os demais alunos.

Como a sugestão não foi cumprida pela maioria dos alunos, a atividade foi flexibilizada, resolvemos realizarmos essa tarefa juntos, com uma visita guiada, mas com o mesmo objetivo de buscar uma definição para a homofobia. Seguida da apresentação e os alunos foram convidados a discorrer sobre suas impressões das leituras e atividades propostas até então. A classe teve muita dificuldade em encontrar livros para cumprir a atividade, o que demandou tempo além do planejado para cumpri-la. Já em sala, e, com as devidas leituras já feitas, foi possível conseguirmos estabelecer conexão sobre o absurdo de julgar as pessoas, pelo menos em palavras.

A torcida é para que as reflexões em aula tenham contribuído para que eles efetivamente tenham internalizado toda a coerência da apresentação que fizeram nos seus atos cotidianos. Foram belas apresentações, deram um show de argumentações que apóiam veementemente o respeito à diversidade.

A seguir, a mensagem da ONU contra a homofobia foi exibida, suscitamos uma aula participativa sobre o que o vídeo propõe e a atividade que tinha por objetivo definir a homofobia.

Em seguida, a partir da proposta do diga “NÃO ao preconceito, a intolerância e discriminação”, os grupos criaram uma frase ou desenho, que foram expostos na biblioteca. Não conseguimos cumprir a tarefa na aula destinada para tal, de forma que precisaríamos de mais tempo, contudo, nesse dia não conseguimos que outro professor nos cedesse sua aula.

Lançamos a campanha: “Fim da intolerância e a construção de uma cultura pela paz”, essa campanha foi conjunta com a temática do racismo, optamos por interferir o mínimo necessário para observarmos com mais acuidade as diversas vertentes de expressões acerca da temática da diversidade, apenas isso foi imposto.

Eram para ser confeccionados cartazes, recortes, ou alguma expressão artística que representasse a temática da campanha e ao mesmo tempo expressasse o recado contra o preconceito que queriam deixar para os demais alunos. Alguns alunos voltaram a escrever o desenho ou a frase que haviam criado na atividade perdida na aula anterior. Não conseguimos finalizar as atividades nesse mesmo dia.



Finalizamos a confecção dos cartazes e resolvemos realizar a exposição na biblioteca no período do recreio, onde há intensa circulação de alunos. A seguir, realizamos uma avaliação oral e voluntária da intervenção realizada.

## **9. CONCLUSÃO: INDICADORES DE AVALIAÇÃO DAS AÇÕES**

É preciso destacar que a direção, professores, funcionários, alunos e alunas da Escola Municipal Luiz Gatti receberam muito bem a proposta do plano de ação, contribuindo para que fosse concluído com sucesso. As conversas correram fluentes e claras facilitando o eixo da diversidade sexual proposto pelo plano.

A visão geral da atividade realizada foi que o plano de intervenção me propiciou sair de um estado de incômodo meramente reflexivo para alcançar algo fundamental para a formação crítica de jovens que estão se despedindo da escola básica, que é o esclarecimento embasado em vários teóricos e integrantes da comunidade científica e acadêmica que tratam da homossexualidade como algo natural na vida das pessoas.

Apesar da escassez do tempo, ao desempenhar as atividades, procuramos acompanhar as constantes transformações existentes no agir e no pensar dos alunos ao longo do projeto, com a finalidade de arquitetar sentido da aprendizagem no mundo em seu “mundo abstrato”, pois como afirma Rubem Alves (2001): “A sedução é a melhor de todas as pedagogias, portanto espera-se que os professores tenham a capacidade de comunicar prazer naquilo que fazem”. Se não há encanto, alegria e momentos de descontração nesse processo de formação, não há assimilação suficiente dos alunos e alunas. Não há possibilidade de crescimento que haja sentido, é trabalhando particularidades, convívio, amizade, afabilidade e fraternidade, que vamos realmente oferecer um diferencial significativo ao educar.

Ao desenvolver o projeto primamos para que a sala de aula fosse um local onde a educação aconteceu encontrando espaço para a criatividade, a imaginação, a alegria, enfim para o novo, sempre envolvendo os alunos e alunas.

No planejamento das atividades sugeridas pelo projeto de ação, a professora de Sociologia havia se comprometido em destinar aulas aos alunos do 3º ano do Ensino Médio que pontuasse como a homossexualidade acontecia em diferentes períodos da história da humanidade.

Apesar de todo o planejamento, não foi possível realizar algumas pautas, pois devido ao cumprimento restrito do currículo obrigatório para o ensino de Sociologia, a greve dos professores os obrigou a “enxugá-lo”, sendo impossível que a professora Nívea o fizesse no período que eu precisava para cumprir as ações propostas em meu planejamento de aula,

porém, houve a tentativa nos dias de implementação do projeto, em tratar dessa parte histórica que é relevante no contexto do próprio projeto de intervenção.

No período original selecionado para a apresentação do trabalho aos alunos e alunas de três turmas do 3º ano do Ensino Médio, a intervenção se daria em apenas cinco aulas para cada turma. Foram necessárias 11 aulas para uma turma apenas e ainda queriam mais uma para finalizar os cartazes com mais perfeição, o que não foi possível.

A única dificuldade apresentada foi com horários, o projeto de intervenção teve que ser todo adaptado conforme a disponibilidade de aulas, como nós precisamos dobrar o tempo necessário para que o planejamento fosse totalmente executado, e, a professora Nívea havia apenas duas aulas disponíveis por semana, precisamos conseguir as demais aulas com professoras de outras matérias, que, gentilmente as cederam.

Cheguei a cogitar a possibilidade de trabalhar com pelo menos outra turma, mas em conversa com os professores, e, com a dificuldade em obter mais aulas necessárias para terminar as atividades com êxito, tal iniciativa foi inviabilizada.

Apesar de ter trabalhado com apenas uma turma, foi possível observar que a metodologia de ação foi cumprida com sucesso, no entanto, algumas atividades foram trocadas de dia, conforme a relevância da afinação de assuntos levantados durante as aulas e também ao fato de o número de aulas precisar ser ampliado em um pouco mais que o dobro.

Já a parceria com a Jeaneth, cuja linha de pesquisa e intervenção é a discriminação racial, proporcionou a nós e também aos alunos uma dinâmica de trabalho extremamente dinâmica e prazerosa, por tratarmos dessas temáticas de forma tão natural, com múltiplos recursos didáticos e físicos.

Trabalhar os dois projetos de intervenção em conjunto foi uma decisão assertiva devido à melhor disposição em atender aos alunos e alunas e também ao domínio da turma que se manteve bastante exaltada em alguns momentos das discussões. O interessante foi o desdobramento em realmente trabalharmos a diversidade, até mesmo no respeito à opinião do “outro”, que é algo muito importante na relação interpessoal.

Enfim, fiquei muito feliz em observar que o saldo foi extremamente positivo, não só através das falas durante a avaliação oral do projeto, mas pelo envolvimento e participação dos alunos e alunas ao longo de toda intervenção.

## 10. REFERÊNCIAS

ATANGY, Lidia R. *Sexualidade: A difícil arte do encontro*. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação de temas transversais*. Brasília: MEC/ SEE, 1998.

BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Cristina. *Sexo e juventude*. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

CARVALHO, Nelson Luiz de. *Apartamento 41*. 7ª.ed. São Paulo: GLS, 2007.

CARVALHO, Nelson Luiz de. *O terceiro travesseiro*. 10ª.ed. São Paulo: GLS, 2007.

ALVES, Rubem. *A casa de Rubem Alves*. 2001. Disponível em: < <http://www.rubemalves.com.br/conversacomeducadores.htm> >. Acesso em: 09 Ago. 2014.

CRUZ, Luana; Guilherme, PARANAÍBA. *Estudantes protestam contra fechamento do ensino médio na Escola Municipal Luiz Gatti*. Disponível em: < [www.em.com.br](http://www.em.com.br) >. Belo Horizonte, 2012. Acesso em 14 Maio.2014.

DUARTE, Ruth de Gouvêa. *Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis*. São Paulo: Moderna, 1995.

ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI. *Projeto político pedagógico*. Belo Horizonte, 2002.

ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI. *Regimento escolar da Escola Municipal Luiz Gatti*. Belo Horizonte, 2012.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 2ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GEWANDSDZNAJDER, Fernando. *Sexo e reprodução*. São Paulo: Ática, 1995.

KUPSTAS, Márcia (org.). *Comportamento e sexualidade*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

ALVES, Maria Elisa. Menino teve fígado dilacerado pelo pai, que não admitia que criança gostasse de lavar louça. O Globo. 05 Mar. 2014. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/menino-teve-figado-dilacerado-pelo-pai-que-nao-admitia-que-crianca-gostasse-de-lavar-louca-11785342>> Acesso em: 14 Mai. 2014.

MARIANO, Nilson. “Vim pra fazer a diferença”, diz juíza que celebrou casamento gay e Santana do Livramento. 05 Set. 2014. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/vim-para-fazer-a-diferenca-diz-juiza-que-celebrou-casamento-gay-em-santana-do-livramento-4598579.html>>. Acesso em: 16 Set. 2014.

LOURO. Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: vozes, 1997.

LOURO. Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vitodre (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: vozes, 2003.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz, Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. In: RIBEIRO, Paula Regina da Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo - Caderno Pedagógico: anos finais* (2ª ed. rev. e ampl.). 2ªed. Rio Grande: Editora da FURG, 2009, v. , p. 49-60.

MATHEUS, Andrea Teixeira; EINSENSTEIN, Evelyn. *Fala sério! Perguntas e respostas sobre adolescência e saúde*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

MERCADANTE, Clarinda. *Evolução e sexualidade: o que nos fez humanos*. 1ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, Natalino Neves da. A diversidade cultural como princípio educativo. *Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde*, Universidade Fumec. Belo Horizonte. Ano 8, n.11, p. 13-79. jul/dez.2011.

NEWMANN, Robert. *Atlas de métodos anticoncepcionais e temas complementares*. Fundação Biblioteca Nacional,1996

OLIVEIRA, Alexandre Roberto. *Saber viver sexualidade*. Rio de Janeiro: Biologia & Saúde, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Caderno de sexualidade*. Belo Horizonte, 1998.

RÁDIO SANTA LUZIA. *Mais uma vez, alunos da Escola Municipal Luiz Gatti fazem protesto contra fim do segundo grau.* Disponível em: < [www.radiosantaluzia.com.br](http://www.radiosantaluzia.com.br)>. Belo Horizonte, 2012. Acesso em 12 Mai.2013.

RIBEIRO, Marcos; LUCAS, David. *Tribo adolescente, Sexo, namoro, camisinha, gravidez e outras dúvidas.* São Paulo: Planeta, 2012.

PORTA DOS FUNDOS. *Quem.* 9.jun.2014 Disponível em:<<http://www.portadosfundos.com.br/categoria/videos/>>. Acesso em: 09 Set. 2014.

PRAGMATISMO POLÍTICO. *As transformações de um menino transgênero de 6 anos.* Disponível em: <[www.pragmatismopolitico.com.br](http://www.pragmatismopolitico.com.br)>. 2014. Acesso em: 04 Jun, 2014.

UOL. Casal homossexual faz BO contra churrascaria por ser impedido de participar de promoção. Campinas, 29 Dez. 2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/10/29/casal-homossexual-faz-bo-contrachurrascaria-por-participar-de-promocao.htm>. Acesso em: 06 Jun, 2014

UZUNIAN, Armênio, BIRNER, Ernesto. *Sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis.* São Paulo:harbra, 2000.

VARELLA, Drauzio. *A violência contra homossexuais.* Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/sexualidade/violencia-contrahomossexuais/>>. Acesso em: 10 Set, 2014.

VILELA, Antônio Carlos. *Sexo! Não é tudo na vida.* São Paulo: Melhoramentos, 1999.

*The Whittington Family: Ryland's Story.* Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jahSz5j1ZeI>>. Acesso em: 10 Set, 2014.